CÓPIA EXPRESSA
C. A. FILOS. PUC / SP
(011) 3873-4614

PASTA 741 F. 5

Borges, J. L. (1997) Ficções. São Paulo: Editora Globo, 7.ª ed.

FUNES, O MEMORIOSO

Recordo-o (não tenho direito de pronunciar esse verbo sagrado, somente um homem na Terra teve direito e esse homem morreu) com um escuro livro da paixão nas mãos, vendo-o como ninguém o viu, embora o avistasse do crepúsculo do dia até o da noite, toda uma vida. Recordo-o, o rosto taciturno e indiático e singularmente *distante*, por trás do cigarro. Recordo (creio) suas mãos afiladas de trançador. Recordo perto dessas mãos uma cuia, com as armas da Banda Oriental; recordo na janela da casa uma esteira amarela, com uma vaga paisagem lacustre. Recordo claramente sua voz; a voz pausada, ressentida e nasal do margeador antigo, sem os silvos italianos de agora. Mais de três vezes não o encontrei; a última, em 1887... Parece-me muito acertado o projeto de que todos aqueles que o conheceram sobre ele escrevam; meu testemunho será provavelmente o mais breve e sem dúvida o mais pobre, mas não o menos imparcial do volume que os senhores editarão. Minha deplorável condição de argentino me impedirá de incorrer no ditirambo – gênero obrigatório no Uruguai, quando o tema é um uruguaio. *Literato, cafajeste, portenho;* Funes não disse essas injuriosas palavras, mas estou bastante consciente de que eu representava para ele essas desventuras. Pedro Leandro Ipuche escreveu que Funes era um precursor dos super-homens, "um Zaratustra xucro e vernáculo"; não o

discuto, contudo não convém esquecer que era também um garganteador de Fray Bentos, com certas limitações irremediáveis.

Minha primeira lembrança de Funes é muito perspícua. Vejo-o num entardecer de março ou fevereiro do ano oitenta e quatro. Meu pai, esse ano, levara-me a veranear em Fray Bentos. Voltava eu com meu primo Bernardo Haedo da estância de São Francisco. Voltávamos cantando, a cavalo, e essa não era a única circunstância de minha felicidade. Depois de um dia bochornoso, uma enorme tormenta cor de ardósia escondera o céu. Animava-a o vento do Sul, as árvores já enlouqueciam; tinha o temor (a esperança) de que nos surpreendesse num descampado a água elementar. Fizemos uma espécie de carreira com a tormenta. Entramos numa azinhaga que se afundava entre duas veredas altíssimas de tijolo. Escurecera, de chofre; escutei rápidos e quase discretos passos no alto; alcei os olhos e vi um rapaz que corria pela acanhada e rota vereda como por uma estreita e rota parede. Lembro-me da bombacha, das alpargatas, lembro-me do cigarro no duro rosto, contra o nuvarrão já sem limites. Bernardo gritou-lhe imprevisivelmente: *Que horas são, Irineu?* Sem consultar o céu, sem deter-se, o outro respondeu: *Faltam quatro minutos para as oito, jovem Bernardo João Francisco.* A voz era aguda, zombadora.

Sou tão distraído que o diálogo que acabo de referir não me teria chamado atenção se não houvesse recalcado meu primo, a quem estimulavam (acredito) certo orgulho local e o desejo de mostrar-se indiferente à resposta tripartida do outro.

Falou-me que o rapaz da passagem era um tal Irineu Funes, mencionado por algumas excentricidades como a de não dar-se com ninguém e a de saber sempre a hora, como um relógio. Acresceu que era filho de uma lavadeira do povoado, Maria Clementina Funes, e que alguns diziam que seu pai era um médico da charqueada, um inglês O'Connor,

e outros, um domador ou rasteador do distrito de Salto. Vivia com sua mãe, na curva da quinta dos Laureles.

Nos anos oitenta e cinco e oitenta e seis, veraneamos na cidade de Montevidéu. Em oitenta e sete retornei a Fray Bentos. Perguntei, como é natural, por todos os conhecidos e, finalmente, pelo "cronométrico Funes". Responderam-me que o derrubara um redomão na estância de São Francisco, e que ficara paralítico, sem esperança. Lembro-me da impressão de incômoda magia que a notícia me produziu: a única vez que o vi, a cavalo vínhamos de São Francisco e ele andava num lugar alto; o fato, em boca de meu primo Bernardo, tinha muito de sonho elaborado com elementos anteriores. Disseram-me que não se movia do catre, os olhos postos na figueira do fundo ou numa teia de aranha. Nos entardeceres, permitia que o levassem à janela. Portava a soberba até o ponto de simular que fora benéfico o golpe que o tinha fulminado... Observei-o duas vezes atrás da grade de ferro, que relembrava toscamente sua condição de eterno prisioneiro: uma, imóvel, com os olhos fechados; outra, também imóvel, absorto na contemplação de um oloroso galho de santonina.

Não sem alguma vanglória eu iniciara naquele tempo o estudo metódico do latim. Minha valise incluía o *De Viris Illustribus* de Lhomond, o *Thesaurus* de Quicherat, os comentários de Júlio César e um volume ímpar da *Naturalis Historia* de Plínio, que excedia (e continua excedendo) minhas módicas virtudes de latinista. Tudo se propala num pequeno povoado; Irineu, em seu rancho das margens, não tardou a inteirar-se da chegada desses livros anômalos. Dirigiu-me uma carta florida e cerimoniosa, na qual recordava nosso encontro, infelizmente fugaz, "do dia sete de fevereiro do ano oitenta e quatro", ponderava os gloriosos serviços que Dom Gregório Haedo, meu tio, falecido esse mesmo ano, "prestara às duas pátrias na valorosa jornada de Ituzaingó", e solicitava-me o empréstimo de alguns dos

volumes, acompanhado de um dicionário "para a clara inteligência do texto original, porque ainda desconhecia o latim". Prometia devolvê-los em bom estado, quase imediatamente. A letra era perfeita, muito perfilada; a ortografia, do tipo que Andrés Bello preconizou: *i* por *y*, *j* por *g*. A princípio, temi naturalmente uma brincadeira. Meus primos asseguraram-me que não, que eram coisas de Irineu. Não soube se atribuir a descaramento, a ignorância ou a estupidez a idéia de que o árduo latim não requeria mais instrumento que um dicionário; para desenganá-lo completamente mandei-lhe o *Gradus ad Parnassum* de Quicherat e a obra de Plínio.

Em quatorze de fevereiro telegrafaram-me de Buenos Aires que voltasse imediatamente, porque meu pai não estava "nada bem". Deus me perdoe; o prestígio de ser o destinatário de um telegrama urgente, o desejo de comunicar a todo Fray Bentos a contradição entre a forma negativa da notícia e o peremptório advérbio, a tentação de dramatizar minha dor, fingindo um viril estoicismo, talvez me distraíssem de toda possibilidade de sofrimento. Ao fazer a mala, notei que me faltavam o *Gradus* e o primeiro volume da *Naturalis Historia*. O "Saturno" zarpava no dia seguinte, pela manhã; àquela noite, depois do jantar, encaminhei-me à casa de Funes. Espantou-me que a noite fosse não menos pesada que o dia.

No asseado rancho, a mãe de Funes me recebeu.

Disse-me que Irineu estava na peça do fundo e que não estranhasse encontrá-la às escuras, porque Irineu costumava passar as horas mortas sem acender a vela. Atravessei o pátio de laje, o corredorzinho; cheguei ao segundo pátio. Havia uma parreira; a escuridão pôde parecer-me completa. Ouvi logo a alta e zombeteira voz de Irineu. Essa voz falava em latim; essa voz (que vinha da treva) articulava com moroso deleite um discurso ou prece ou encantação. Ressoaram as sílabas romanas no pátio de terra; meu temor as acreditava

indecifráveis, intermináveis; depois, no demorado diálogo daquela noite, soube que formavam o primeiro parágrafo do vigésimo quarto capítulo do livro sétimo da *Naturalis Historia*. A matéria desse capítulo é a memória; as últimas palavras foram *ut nihil non iisdem verbis redderetur auditum*.

Sem a menor mudança de voz, Irineu disse-me que passasse. Estava no catre, fumando. Parece-me que não lhe vi o rosto até a alva; creio relembrar a faísca momentânea do cigarro. A peça cheirava vagamente a umidade. Sentei-me; repeti a história do telegrama e da enfermidade do meu pai.

Chego, agora, ao ponto mais difícil de minha narrativa. Esta (bom é que já o saiba o leitor) não tem outro argumento que esse diálogo de há meio século. Não tratarei de reproduzir suas palavras, no momento irrecuperáveis. Prefiro resumir com veracidade as muitas coisas que me falou Irineu. O estilo indireto é distante e fraco; sei que sacrifico a eficácia desse relato; que meus leitores imaginem os entrecortados instantes que àquela noite me oprimiram.

Irineu começou por enumerar, em latim e espanhol, os casos de memória prodigiosa registrados pela *Naturalis Historia:* Ciro, rei dos persas, que sabia chamar pelo nome todos os soldados de seus exércitos; Mitridates Eupator, que administrava a justiça nos 22 idiomas de seu império; Simônides, inventor da mnemotécnica; Metrodoro, que professava a arte de repetir com fidelidade o escutado uma só vez. Com evidente boa-fé surpreendeu-se de que tais casos maravilhassem. Disse-me que, antes daquela tarde em que o azulego o derrubou, fora o que são todos os cristãos: um cego, um surdo, um abobado, um desmemoriado. (Tratei de lembrar-lhe sua percepção exata do tempo, sua memória de nomes próprios; não me fez caso.) Dezenove anos havia vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir, esquecia-se de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido, e também as lembranças

mais antigas e mais triviais. Pouco depois constatou que estava aleijado. O fato apenas o afetou. Discutiu (sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora sua percepção e sua memória eram infalíveis.

Nós, de uma olhadela, percebemos três copos em cima de uma mesa; Funes, todos os rebentos e cachos e frutos que comporta uma parreira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia compará-las na lembrança com as listras de um livro espanhol encadernado que vira somente uma vez e com as linhas da espuma que um remo sulcou no rio Negro na véspera da batalha do Quebracho. Essas lembranças não eram simples; cada imagem visual estava ligada às sensações musculares, térmicas, etc. Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém, tinha requerido um dia inteiro. Contou-me: *Mais recordações tenho eu sozinho que as tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo.* E também: *Meus sonhos são como a vigília de vocês.* E igualmente, por volta da alva: *Minha memória, senhor, é como despejadouro de lixos.* Uma circunferência num quadro-negro, um triângulo retângulo, um losango são formas que podemos intuir plenamente; o mesmo acontecia a Irineu com as tumultuosas crinas de um potro, com uma ponta de gado numa coxilha, com o fogo irisante e com a inumerável cinza, com os muitos rostos de um morto num demorado velório. Não sei quantas estrelas via no céu.

Essas coisas me falou; nem então nem depois as coloquei em dúvida. Naquele tempo não havia cinemas ou fonógrafos; é, não obstante, inverossímil e até incrível que ninguém fizesse uma experiência com Funes. O certo é que vivemos adiando todo o adiável; talvez todos saibamos profundamente que somos imortais e que, tarde ou cedo, todo homem realizará todas as coisas e saberá tudo.

A voz de Funes, da escuridão, prosseguia falando.

Disse-me que por volta de 1886 desenvolvera um sistema original de numeração e que em pouquíssimos dias ultrapassara o vinte e quatro mil. Não o tinha escrito porque o pensado uma só vez já não se lhe podia apagar. Seu primeiro estímulo, acredito, foi o desagrado de que os trinta e três orientais requereram dois signos e três palavras, em vez de uma só palavra e um só signo. Aplicou logo esse disparatado princípio aos demais números. Em lugar de sete mil e treze, dizia (por exemplo) *Máximo Pérez;* em lugar de sete mil e quatorze, *A Ferrovia;* outros números eram *Luis Melián Lafinur, Olimar, enxofre, os bastos, a baleia, o gás, a caldeira, Napoleão, Agustín de Vedia.* Em lugar de quinhentos, dizia *nove.* Cada palavra tinha uma senha particular, uma espécie de marca; as últimas eram muito complicadas... Tratei de explicar-lhe que essa rapsódia de vozes inconexas era exatamente o contrário de um sistema de numeração. Falei-lhe que dizer 365 era dizer três centenas, seis dezenas, cinco unidades; análise que não existe nos "números" *O Negro Timóteo* ou *manta de carne.* Funes não me entendeu ou não quis entender-me.

Locke, no século XVII, postulou (e reprovou) um idioma impossível no qual cada coisa individual, cada pedra, cada pássaro e cada ramo tivesse um nome próprio; Funes projetou certa vez um idioma análogo, mas o rejeitou por parecer-lhe demasiado geral, demasiado ambíguo. Com efeito, Funes não recordava somente cada folha de cada árvore de cada monte, como também cada uma das vezes que a tinha percebido ou imaginado. Resolveu reduzir cada uma de suas jornadas passadas a umas setenta mil lembranças, que definiria logo por cifras. Dissuadiram-no duas considerações: a consciência de que a tarefa era interminável, a consciência de que era vã. Pensou que na hora da morte ainda não estaria concluído o encargo de classificar todas as recordações da infância.

Os dois projetos que indiquei (um vocabulário infinito para a série natural dos números, um inútil catálogo mental de todas as imagens da lembrança) são insensatos, mas revelam alguma balbuciante grandeza. Deixam-nos vislumbrar ou inferir o vertiginoso mundo de Funes. Este, não o esqueçamos, era quase incapaz de idéias gerais, platônicas. Não lhe custava compreender somente que o símbolo genérico *cão* abrangesse tantos indivíduos díspares de diversos tamanhos e diversa forma; aborrecia-o que o cão das três e quatorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e quatro (visto de frente). Seu próprio rosto no espelho, suas próprias mãos deslumbravam-no cada vez. Menciona Swift que o imperador de Lilliput discernia o movimento do ponteiro dos minutos; Funes discernia continuamente os tranqüilos avanços da corrupção, das cáries, da fadiga. Notava os progressos da morte, da umidade. Era o solitário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente exato. Babilônia, Londres e Nova Iork sufocavam com feroz esplendor a imaginação dos homens; ninguém, em suas torres populosas ou em suas avenidas urgentes, sentiu o calor e a pressão de uma realidade tão infatigável como a que dia e noite convergia sobre o infeliz Irineu, em seu pobre arrabalde sul-americano. Era-lhe muito difícil dormir. Dormir é distrair-se do mundo; Funes, de costas no catre, na sombra, configurava cada fenda e cada moldura das casas certas que o rodeavam. (Repito que a menos importante de suas lembranças era mais minuciosa e mais viva que nossa percepção de um gozo físico ou de um tormento físico.) Ao Este, num trecho não demarcado, havia casas novas, desconhecidas. Funes as imaginava pretas, compactas, feitas de treva homogênea; nessa direção voltava o rosto para dormir. Também costumava imaginar-se no fundo do rio, embalado e anulado pela corrente.

Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, entretanto, que não era muito

capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos.

A esquiva claridade da madrugada entrou pelo pátio de terra.

Então vi o rosto da voz que toda a noite falara. Irineu tinha dezenove anos; nascera em 1868; pareceu-me monumental como o bronze, mais antigo que o Egito, anterior às profecias e às pirâmides. Pensei que cada uma de minhas palavras (que cada um de meus gestos) perduraria em sua implacável memória; paralisou-me o temor de multiplicar ademanes inúteis.

Irineu Funes morreu em 1889, de uma congestão pulmonar.

1942